

o brasil nomenageado na feira do livro de frankfurt em 2013: roteiro de **EXCLUSÕES**

Brazil honored at the Frankfurt Book Fair in 2013: script of exclusions

*Vicente Cousin Dolgener**
*Renata de Oliveira Klipel***
*Nicolle Garcia Ortiz****
*Mateus Robaski Timm*****

* Graduado na Université de Paris-Sorbonne (Paris IV) em Langues, Littératures et Civilisations étrangères et régionales, no percurso "Portugais" (2016). Graduando em Licenciatura em Letras Português/Francês, na UFRGS. Professor no Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão da UFRGS. Email: vicentecusindolgener@gmail.com

** Graduada na Université de Paris-Sorbonne (Paris IV) em Langues, Littératures et Civilisations étrangères et régionales, no percurso "Portugais" (2016). Graduada em Licenciatura em Letras Português/Francês, na UFRGS (2017). Email: renataklipel@gmail.com

*** Graduada na Université de Paris-Sorbonne (Paris IV) em Langues, Littératures et Civilisations étrangères et régionales, no percurso "Portugais" (2016). Graduada em Licenciatura em Letras Português/Francês, na UFRGS (2018). Email: nicolleortiz@hotmail.com

**** Mestrando em Teoria da Literatura (PUCRS), sendo bolsista CNPq. Graduado na Université de Paris-Sorbonne (Paris IV) em Langues, Littératures et Civilisations étrangères et régionales, no percurso "Portugais" (2016). Graduado em Licenciatura em Letras Português/Francês, na UFRGS (2018). Email: mateustimm@outlook.com

Artigo recebido em 12/08/2018 e aceito para publicação em 03/10/2018.

Resumo

O surgimento e a afirmação de novas vozes no campo literário brasileiro têm dado provas de uma produção de qualidade capaz de representar a heterogeneidade sociocultural de nosso país. Assim, este artigo busca expor, num primeiro momento, a existência de uma multiplicidade de autoras e autores que vêm se firmando cada vez mais na cena literária nacional. Eles são exemplos de discursos descentralizados, trazendo a experiência de vozes periféricas, indígenas, de autoria feminina negra, entre outras, para o debate e reflexão da literatura. Entretanto, esta multiplicidade não se fez presente na Feira do Livro de Frankfurt, em 2013, importante evento do mercado livreiro, que poderia mostrar ao mundo a diversidade de produções e autores de nossa cultura. A seleção da comitiva brasileira de certa

opiniões

forma espelhou, através das escolhas dos autores, o paradigma excludente do processo histórico nacional. Este roteiro de exclusões foi desvelado mesmo durante o evento, gerando polêmicas desencadeadas pelos próprios autores brasileiros na Feira de Frankfurt, sobretudo no discurso de abertura de Luiz Ruffato, que criou uma cisão dentro da comitiva de escritores.

Palavras-chave

Exclusão; Feiras literárias; Literatura brasileira contemporânea; Campo literário; Defesa da heterogeneidade cultural

Abstract

The emergence and validation of new voices in the Brazilian literary scenario has shown that their production has excellence and depicts the sociocultural heterogeneity of our country. This article displays the multiplicity of authors who are steadily gaining grounds in the national literary scene. They are examples of decentralized discourses, bringing the peripheral, indigenous and black female authorship, among others, to the literary debate. However, this multiplicity of voices was not represented at the Frankfurt Book Fair in 2013, an important event of the book market, that could have shown to the world the diversity of productions and authors of our culture. In a certain way, the composition of the Brazilian

delegation mirrored, through the list of authors, the exclusionary paradigm of the national sociohistorical process. This script of exclusions was unveiled even during the event, generating controversies triggered by the Brazilian authors themselves at the Frankfurt Fair, especially in the opening speech of Luiz Ruffato, who created a split within the retinue of writers.

Keywords

Exclusion; Literary fairs; Contemporary Brazilian literature; Literary field; Defense of cultural heterogeneity

Literatura brasileira contemporânea: a heterogeneidade presente

O Brasil possui a tradição de reiterar na sua literatura impasses históricos de exclusão social como, por exemplo, a invisibilidade dos negros e dos pobres que estariam marcados na fatura literária pelo viés da sua negatividade. A supressão de uma parcela muito significativa da sociedade brasileira tem a ver com o fato que o escritor, enquanto subjetividade, escolhe determinado recorte temático a ser abordado em suas obras. Esta ação, ao mesmo tempo ética e política, tem, infelizmente, demonstrado que geralmente os lugares no interior da literatura brasileira são monopolizados pelo arquétipo homem, branco, heterossexual, de classe média urbana, com

instrução de nível superior (DALCASTAGNÉ, 2012). Ao reatualizar o silêncio dos marginalizados, perpetua-se a construção histórica de uma valorização profundamente hierarquizada, que coloca a cultura dominante como legitimadora do desejável na arte da escrita. Por consequência, os excluídos encontram as suas vozes encobertas ou estereotipadas.

No entanto, a literatura brasileira vem ganhando nas últimas décadas a fundamental participação de escritores com diversas origens, inserindo nas suas produções personagens, temas e formas narrativas diferentes das abordagens canonizadas. Além das produções tradicionais, uma quantidade de vozes periféricas, indígenas, negras, das mais variadas orientações sexuais são publicadas, gerando um convívio múltiplo e não excludente, extremamente estimulante para renovar as reflexões sobre literatura brasileira. Por conta disto, a heterogeneidade consiste em traço distintivo da nossa produção contemporânea. Este aspecto permite repensar uma série de questões relativas à literatura, como qualidade estética, cânone, representação ficcional, entre outras.

As produções que não vêm da tradição permitem o surgimento de olhares oblíquos, que por serem deslocados, permitem aos leitores uma visão mais complexa das potencialidades da literatura. O convívio de escritores com proveniências e percursos diversos acaba formatando um novo panorama da produção artística nacional, o qual

está mais de acordo com a diversidade sociocultural de nosso país. A chegada de escritores com perfis não dominantes, na cena literária brasileira, permite que ocorra uma verdadeira democratização deste sistema, gerando a possibilidade de repensar o conceito de literatura, como aponta Beatriz Resende (2014, p. 14), ao dizer que na primeira década do século XXI emerge: “a escrita de uma nova literatura democrática que aposta na instituição de um sistema literário compartilhado, que reconhece novas subjetividades e novos atores no mundo da cultura, e na reconfiguração do próprio termo literatura”.

Esta renovação pode ter seu início apontado na virada do milênio, momento em que os escritores (depois convencioneados) periféricos atingiram uma maior representatividade. Caracterizada por Karl Erik Schøllhammer (2009, p. 98) como “uma literatura que, sem abrir mão da verve comercial, procura refletir os aspectos mais inumanos e marginalizados da realidade social brasileira”, a literatura marginal representa o surgimento de vozes até então silenciadas, consideradas sem prestígio para o discurso literário. Autores como Ferréz, Paulo Lins, Sérgio Vaz e Allan da Rosa com seus olhares e escritas descentralizados possibilitam uma renovação na literatura brasileira por trazerem a voz de um discurso marginal, sem as tradicionais mediações, que até então estavam sujeitos. Tal constatação converge com a de Beatriz Resende (2008, p. 17), ao apontar que:

opiniões

A maior novidade [dentro das publicações literárias brasileiras] está seguramente na constatação de que novas vozes surgem a partir de espaços que até recentemente estavam afastados do universo literário. Usando seu próprio discurso, vem hoje, da periferia das grandes cidades, forte expressão artística que, tendo iniciado seu percurso pela música, chega agora à literatura.

Além das relevantes vozes provenientes das periferias das grandes cidades, um outro tipo de pensar e escrever literatura vem surgindo. Trata-se da produção indígena, nas suas múltiplas representações, que vem crescendo ao longo dos anos, possibilitando o contato com discursos não tradicionais, dinâmica importante para a descentralização do cânone. A figura de proa desta literatura é Daniel Munduruku, autor de mais de cinquenta livros, ganhador do prêmio Jabuti e do prêmio Tolerância (outorgado pela Unesco). Mas há também outros expoentes, como Eliane Potiguara, que, no seu livro *Metade cara, metade máscara*, denuncia os desmandos contra os indígenas. Também Cristino Wapichana, conhecido pela sua escrita voltada para o público infanto-juvenil, representa o surgimento de uma literatura de qualidade e representativa do caráter poliédrico da cultura brasileira.

A voz da mulher negra vem surgindo com cada vez mais força na literatura, trazendo questões vividas por uma população duplamente discriminada: pelo

gênero e pela cor da pele. A partir da recente valorização de escritoras como Maria Firmina dos Reis, que em 1859 publicou *Úrsula*, Carolina Maria de Jesus, que um século depois publica *Quarto de despejo*, e da contemporânea Conceição Evaristo, abre-se espaço para escritoras jovens negras. A autora de *Ponciá Vicêncio* e *Insubmissas lágrimas de mulheres* estimula o pensamento sobre os traumas experienciados pelos descendentes de escravizados, configurando textualmente a permanência de situações humilhantes contra a população negra. Também Cristiane Sobral vem defendendo literariamente a valorização de uma série de características menosprezadas pela sociedade hegemônica: a cor da pele, o formato do nariz e dos lábios, o cabelo *black*.

Portanto, essa pluralidade de escritores e obras heterogêneas permite aos diversos agentes do campo literário brasileiro um leque de opções para organizar novos e instáveis cânones, que satisfaçam as mais diversas necessidades de seleção de um grupo de autores e produções (aula de literatura, reflexão teórica, feira literária etc.). Assim, a atual multiplicidade da literatura brasileira exige uma representação igualmente plural a toda sistematização que envolva a produção da nossa contemporaneidade, se esta buscar ser democrática, visto que toda seleção de autores e obras carrega consigo o peso da ética pelo fato da sua escolha entrar em contato com o mundo empírico. Ao mesmo tempo, consiste numa empresa estimulante, pois permite reformular a sistematização de um cânone,

havendo a possibilidade de repensar a literatura brasileira, ainda mais com a percepção que novos caminhos devem ser percorridos, como bem nota Susana Scramim (2007, p. 32):

Pensar a literatura na sua experiência sem a garantia de um caminho seguro já trilhado é assumi-la em sua vida interior, sua vida a meio do caminho, que “ainda não-se-realizou” na sua realização, vida esta composta por formas originárias que se caracterizam por serem a soleira da potência do mundo empírico da literatura frente à sua correlação entre outras tantas formas de vida interior.

Por conta disto, toda sistematização de autores contemporâneos que desconsidere a pluralidade existente merece sofrer críticas. O Brasil, quando foi homenageado, em 2013, na Feira do Livro de Frankfurt, infelizmente reiterou as tradicionais exclusões que marcam o nosso processo histórico. Num contexto de inserção do país no campo literário mundial, foram privilegiadas as categorias tradicionais: escritores homens, brancos, provenientes da região Sudeste, com mais de cinquenta anos, com uma produção já consolidada e publicada pelas grandes editoras. Tal perfil não é representativo da diversidade sociocultural brasileira, que já possui uma produção literária significativa, capaz de dar conta da multiplicidade de formas de pensar, viver e escrever literatura.

A presença brasileira na Feira do Livro de Frankfurt

Em 2013, o Brasil foi homenageado na Feira de Frankfurt, a mais importante feira mundial do mercado editorial. Essa honra é, no entanto, uma via de mão dupla, visto que além do reconhecimento outorgado ao valor da literatura brasileira, a feira também procura lucrar promovendo os autores brasileiros (70 foram convidados para comparecer em solo alemão) no mercado internacional da indústria livreira. Essa última informação vai de encontro ao fato que, infelizmente, mesmo com o imenso número de feiras literárias em solo brasileiro ou estrangeiro, o número de leitores não tende ao crescimento. Isso porque o livro nesses eventos é uma mercadoria, dessacralizada como todas as outras, que tende a ser exposto pelo seu valor econômico e não artístico. A participação brasileira na Feira de Frankfurt ocorreu durante os dias 9 e 13 de outubro com cerca de 150 eventos literários, entre debates, palestras e leituras. No entanto, é válido salientar que apenas o último dia do evento foi aberto para o público, sendo os outros quatro reservados para acordos de transação mercadológica.

A Feira de Frankfurt procura ser o ponto inicial para a redistribuição dos produtos literários no mercado europeu, com uma política de *business networking* (criação de redes de comercialização) promove o encontro de agentes do campo literário

opiniões

voltados para a compra e venda de direitos dos livros. Também conhecida por suas conferências que fazem com que indústrias internacionais do livro dialoguem entre si, esse evento oferece oportunidades para que contatos comerciais da indústria livreira sejam estabelecidos.

Perfil da curadoria

É importante salientar que não somente os curadores estão por trás da escolha dos escritores que participaram da feira, afinal a seleção de nomes feita por eles passou também pela aprovação do Comitê Organizador do Projeto, intitulado “Brasil Convidado de Honra da Feira do Livro de Frankfurt 2013”, presidido por Galeno Amorim e composto pela Fundação Biblioteca Nacional, presidida por Renato Lessa (FBN/MinC), pela Fundação Nacional de Artes (Funarte/MinC), por representantes do Ministério das Relações Exteriores e da Câmara Brasileira do Livro, presidida por Karine Pansa, além de instituições da sociedade civil. Sabendo disso, os curadores foram Antonio Carlos Martinelli, Manuel da Costa Pinto e Maria Antonieta Cunha, dos quais buscaremos traçar um perfil profissional no meio literário.

Manuel da Costa Pinto mostra desde o início da sua carreira uma ligação com o campo literário. Logo nos primeiros anos de atuação, foi editor assistente da *Editora da Universidade de São Paulo* (Edusp), onde trabalhou diretamente com o professor e crítico literário João Alexandre

Barbosa. Ainda nos anos 90, passou a ser redator e colunista do caderno *Mais!* da *Folha de São Paulo*, hoje extinto, e já atuava como crítico literário na imprensa em geral. Idealizou a *Cult* – Revista Brasileira de Literatura, na qual atuou como editor responsável e colunista até 2003, em São Paulo. Em seguida, passa a escrever para a seção *Rodapé Literário*, no caderno *Ilustrada* da *Folha de São Paulo*, até 2010. Foi também coordenador editorial do *Instituto Moreira Salles* (IMS) na capital paulista de 2006 a 2009. Atuou de 2007 a 2012 como editor e âncora do programa *Letra Livre*, na emissora *TV Cultura*, como editor de conteúdo e apresentador do *Entrelinhas*, na área de literatura. É comentarista de literatura do programa televisivo *Metrópolis*. Antes de também ser nomeado curador da Flip, já havia inúmeras vezes participado do evento como jornalista, debatedor e mediador.

Manuel da Costa Pinto exerce um importante papel no campo literário por ser um crítico que atua tanto no jornal impresso, quanto em programas de televisão, numa emissora pública, de caráter educativo e cultural, considerada, em 2015, pelo instituto de pesquisa britânico *Populus*, o segundo canal de maior qualidade do mundo, estando atrás apenas da *BBC One*. Teve experiência anterior em curadoria de grandes eventos literários, como a Flip, e mostra ter credibilidade para tratar de literatura por ter feito mestrado na área e pela publicação de livros teóricos como *Literatura Brasileira Hoje* (Publifolha, 2004) e de livros de ensaios *Albert*

Camus – *Um Elogio do Ensaio* (Ateliê Editorial, 1998), *Paisagens Interiores e Outros Ensaio* (B4, 2012). Além de ter organizado antologias de literatura brasileira *Antologia de Crônicas: Crônica Brasileira Contemporânea* (Salamandra, 2005), *Antologia Comentada da Poesia Brasileira do Século 21* (Publifolha, 2006).

Antonio Carlos Martinelli é formado em Letras pela PUC-SP e trabalha como coordenador de programação no SESC de São Paulo. Não há muitas informações sobre a sua atuação disponível na internet; o que significa que, diferentemente dos outros dois curadores, não tem trabalhos teóricos publicados, nem textos escritos em blogs, e não fez uma formação em pós-graduação. Contudo, demonstra ter experiência na organização de eventos literários por trabalhar nessa área para o SESC.

Maria Antonieta Cunha foi professora na Universidade Federal de Minas Gerais, tendo lecionado nos cursos de Letras, Biblioteconomia, Comunicação e Educação. É coordenadora dos cursos de Especialização da PUC de Minas Gerais em Literatura Infantil e Arte-Educação. Tem atuação em projetos culturais e de fomento à leitura, tendo criado e dirigido a Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte e os projetos *Cantinhos de Leitura* e *Organização de Bibliotecas Escolas*. Foi Secretária Municipal de Cultura de Belo Horizonte, coordenadora do Centro de Extensão da Faculdade de Letras da UFMG,

curadora do I Salão do Livro de Minas Gerais, do Encontro Internacional de Literatura Latino Americana, do II Salão do Livro de Minas Gerais e do Encontro Internacional de Literaturas em Língua Portuguesa. Foi também integrante do Conselho Curador e do Conselho Diretor da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e presidente da Câmara Mineira do Livro e da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte. Atualmente é Diretora do Livro, Leitura e Literatura no MINC.

Maria Antonieta Cunha tem uma participação no campo literário diferente da dos outros dois curadores, por atuar em cargos acadêmicos, governamentais e administrativos e não como crítica literária, ou na área de programação cultural. Tem bastante experiência em curadoria, apesar de ter exercido o cargo em eventos menores e mais locais. Mostra ter credibilidade para tratar de literatura por ter publicado livros teóricos que são sobre leitura e escrita e a literatura no ensino: *Como ensinar literatura infantil* (Bernardo Álvares, 1970), *Poesia para crianças* (editora desconhecida, 1976), *Ler e redigir* (Atual, 1988), *Literatura infantil- teoria e prática* (Atica editora, 1995).

Essa diversidade das áreas de atuação de cada curador no campo literário pode ser um ponto positivo por abrir de certa forma as perspectivas sobre a literatura brasileira e sobre o modo de programar uma feira literária. É interessante que

opiniões

haja alguém ligado à crítica literária, como Manuel da Costa Pinto, alguém com experiência na programação de eventos, como Antonio Martinelli, e outro, talvez menos relacionado ao livro como um objeto de consumo e que mostre uma preocupação com a fomentação à leitura, como Maria Antonieta Cunha. No entanto, como será apresentado mais adiante neste trabalho, a variedade sociocultural brasileira não vai ser valorizada na Feira de Frankfurt; apesar das intenções apresentadas pela curadoria: “Em entrevista coletiva, Galeno Amorim [...] e o jornalista Manuel da Costa Pinto [...] afirmaram que a lista busca mostrar a diversidade da produção literária brasileira, com uma variedade de linguagens e regiões do país representadas” (VELASCO, 2013).

Escritores convidados

Toda sistematização de escritores consiste num trabalho seletivo, que concretiza um prévio processo de avaliação com uma determinada finalidade de propósitos. A reflexão sobre a montagem de um grupo de escritores para representar o Brasil, nesta grande feira literária internacional, é de fundamental importância para perceber como está ocorrendo a inserção da produção brasileira no contexto internacional. Como já dito anteriormente, a heterogeneidade sociocultural de nosso país não foi considerada na sua plena potencialidade representativa, tendo os curadores preferido manter um perfil mais

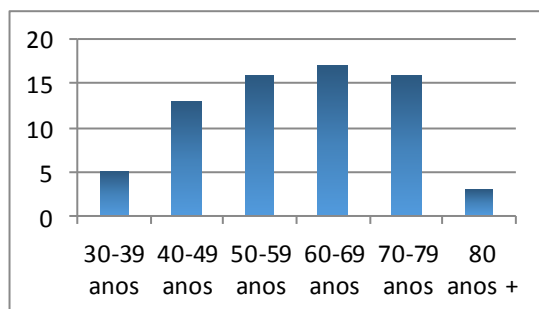
tradicional de escritor. Isso mostra que o valor da literatura não é um conceito fixo, mas antes o resultado de um processo de formulação de um sistema, “em que o conceito de valoração abarca uma extensão considerável de formas de comportamento. Uma vez que uma delas é beneficiada, pode-se reconhecer que existem certas formas de valoração que são, para certos propósitos, de interesse particular” (POMPEU, 2008, p. 65). Assim, o valor de literatura brasileira apresentado em Frankfurt consiste na reiteração de uma série de exclusões.

Sabendo disto, começemos a análise da presença brasileira na feira de 2013. Foi por nós utilizada a lista oficial divulgada pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN), na qual encontramos os 70 nomes dos autores convidados para comitiva brasileira, sendo eles: Adélia Prado, Adriana Lisboa, Affonso Romano de Sant’Anna, Age de Carvalho, Alice Ruiz, Ana Maria Machado, Ana Miranda, André Sant’Anna, Andrea del Fuego, Angela Lago, Antonio Carlos Viana, Beatriz Bracher, Bernardo Ajzenberg, Bernardo Carvalho, Carlos Heitor Cony, Carola Saavedra, Chacal, Cíntia Moscovich, Cristovão Tezza, Daniel Galera, Daniel Munduruku, Eva Furnari, Fábio Moon e Gabriel Bá, Fernando Gonsales, Fernando Morais, Fernando Vilela, Ferréz, Flora Süssekind, Heitor Ferraz, Ignácio de Loyola Brandão, João Almino, João Gilberto Noll, João Ubaldo Ribeiro, Joca Reiners Terron, José Miguel Wisnik, José Murilo de Carvalho, Lelis, Lília Moritz Schwarcz, Lourenço Mutarelli, Luiz Costa Lima, Luiz Ruffato, Manuela Carneiro da Cunha,

Marçal Aquino, Marcelino Freire, Maria Esther Maciel, Maria Rita Kehl, Marina Colasanti, Mary Del Priori, Mauricio de Sousa, Michel Laub, Miguel Nicolelis, Nélida Piñón, Nicolas Behr, Nuno Ramos, Patricia Melo, Paulo Coelho, Paulo Henriques Britto, Paulo Lins, Pedro Bandeira, Roger Mello, Ronaldo Correia de Brito, Ruth Rocha, Ruy Castro, Sérgio Sant'Anna, Silviano Santiago, Teixeira Coelho, Veronica Stigger, Walnice Nogueira Galvão e Ziraldo.

Os dados relativos aos escritores foram coletados a partir das referências encontradas nos *sites* pessoais dos autores, das suas editoras ou então de reportagens/entrevistas para imprensa (para os acadêmicos também consultamos o *curriculum lattes* disponível online). O ano de referência utilizado será sempre 2013, como observamos, por exemplo, para delimitar a faixa etária e a quantidade de livros publicados até a data da feira.

Faixa etária:



A faixa etária dos autores convidados se concentra dos 45 aos 75 anos, obtendo uma média geral de cerca de 60 anos. Não participou nenhum escritor com menos de 33 anos, idade de Daniel Galera - o mais jovem em 2013. Os outros quatro autores com menos de 40 anos têm no mínimo cinco anos de diferença em comparação com o jovem autor gaúcho: os gêmeos Fábio Moon e Gabriel Bá, com 37 anos, ou então Andréa del Fuego e Ferréz, com 38 anos. O escritor com mais idade a participar da feira foi o jornalista e roteirista Carlos Heitor Cony, com 87 anos, acompanhado na casa dos 80 por Ziraldo e Ruth Rocha, 80 e 82 anos, respectivamente. Os dados que evidenciam a falta de jovens refletem também a dificuldade de penetração das novas vozes no campo literário brasileiro, dominado por um grupo geralmente confortável, já inserido há anos nas principais editoras.

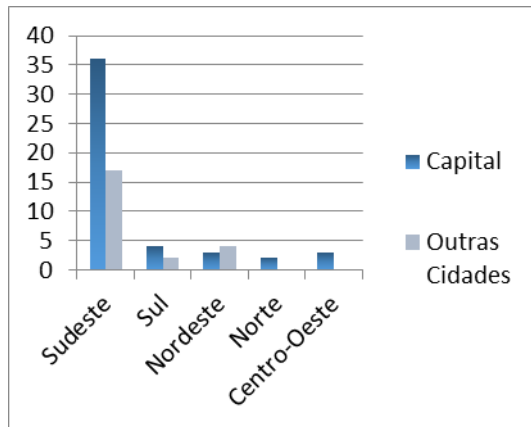
Paridade entre homens e mulheres:



opiniões

Dos 70 escritores convidados, apenas cerca de 33% são mulheres, contra 67% homens. Essa porcentagem evidencia como as mulheres ainda são uma minoria no reconhecimento e na legitimação da sua produção literária. Tais dados, contudo, dialogam com as porcentagens apontadas no texto de Regina Dalcastagnè (2005) em que ela conclui que a baixa existência de personagens e de narradoras femininas se dá pelo fato de ainda haver menos mulheres escritoras que homens; pois, segundo a sua pesquisa, o sexo da personagem mostra estar estreitamente ligado ao do escritor.

Diversidade regional:



Quanto à diversidade regional, preocupamos-nos em buscar os diferentes locais de nascimento dos autores, não apenas focando nas cidades onde atuavam em 2013 (que seriam, sobretudo, Rio de

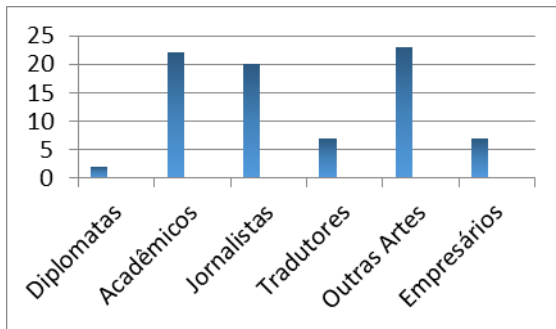
Janeiro e São Paulo), mas obtendo uma ideia de percurso no próprio território brasileiro. Mesmo assim, continuamos a perceber uma participação massiva dos nascidos na região sudeste, que compreende os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo: representando cerca de 76% de toda comitiva brasileira. A representação do norte e centro-oeste se faz apenas pelos cinco escritores: Age de Carvalho (PA), Daniel Munduruku (PA), Joca Reiners Terron (MT), Nicolas Behr (MT) e Roger Mello (DF). Além disso, observamos que mais da metade dos escritores, 68%, nasceu nas capitais de seus estados. Ou seja, a tendência é que a maioria dos representantes da literatura brasileira sejam oriundos do centro econômico do país e de seus espaços urbanos, também centrais. Ainda nessa perspectiva, encontramos cinco escritores nascidos no exterior, mas que rapidamente se instalam nas cidades do Rio de Janeiro - Marina Colasanti, Carola Saavedera, Nélide Piñon - e São Paulo - Eva Furnari, Manuela Carneiro da Cunha.

Diversidade sociocultural:

A diversidade sociocultural representada em Frankfurt é praticamente nula: num país onde mais da metade da população é composta por negros, apenas dois dos 70 convidados são afrodescendentes, o paulista Ferréz e o carioca Paulo Lins. Ambos escritores, além de representarem um grupo social marginalizado na sociedade brasileira, fazem de seus livros um espaço de resistência política das vozes oriundas

da periferia. Junto a eles, encontramos também a única voz indígena presente na comitiva, Daniel Munduruku, que se destaca na literatura infantil, além da área acadêmica das ciências humanas. A desproporcionalidade evidenciada na falta de mais representantes desses grupos - e de outros como, por exemplo, os asiáticos - revela o espaço literário brasileiro como mais um lugar de silenciamento, correspondendo a uma visão histórica de recusa e exclusão da sua constituição identitária, social e cultural.

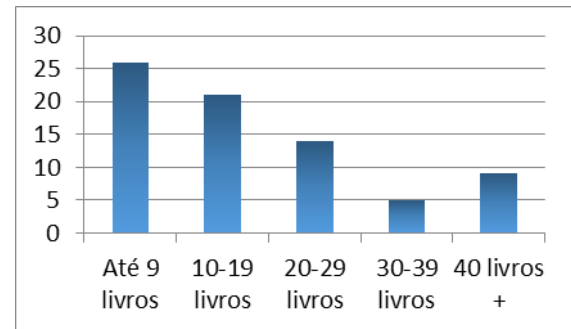
Perfil sócio-profissional:



Poucos são os escritores que vivem apenas de sua escrita, apenas seis se encontram nessa condição em 2013 - Ana Miranda, Andréa del Fuego, Cristovão Tezza, Marcelino Freire, Nélida Piñon e Sérgio Sant'Anna. Como observamos, no gráfico acima, quase todos realizam um ou mais trabalhos paralelos, atuando em outras áreas. Nesse sentido, 23 trabalham com outras artes, sendo

então roteiristas, músicos, dramaturgos ou ilustradores; 22 estão no campo acadêmico, como professores ou pesquisadores; e 20 têm como profissão o jornalismo. Ligados ao campo literário, também encontramos sete tradutores, entre eles Paulo Henriques Britto e Alice Ruiz, e sete empresários do mercado editorial, como Beatriz Bacher, (fundadora da editora 34), Bernardo Ajzenberg (executivo da Cosac & Naify) e Lilia Moritz Schwarcz (co-fundadora da Companhia das Letras).

Número de livros publicados por escritor:

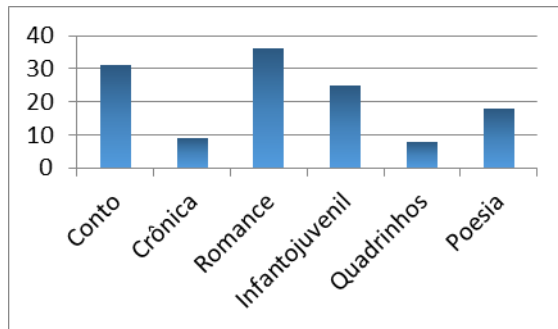


Selecionando apenas os livros autorais, excluindo coletâneas, antologias e traduções, percebemos que 37% dos autores haviam publicado menos de dez livros no Brasil. Paralelamente, cerca de 13% produziram mais de 40, dentre os quais encontramos sobretudo livros infantojuvenis, de nomes conhecidos como Eva Furnari, Ruth Rocha, Maurício de Souza ou Ignácio de Loyola Brandão.

opiniões

Os dados constatados no gráfico, além de exibirem uma polaridade quantitativa da produção artística e intelectual brasileira, também demonstram a força do público infantojuvenil dentro do mercado editorial nacional e internacional (visto que os autores citados são traduzidos em pelo menos cinco línguas).

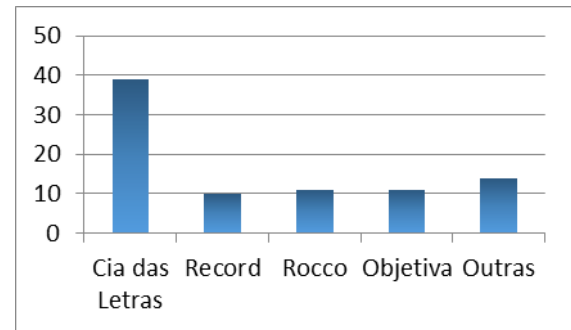
Gêneros literários/narrativos:



O gênero literário mais explorado pelos escritores convidados é o romance com 35% das publicações, mostrando ser o gênero mais prestigiado pelo campo literário brasileiro. O segundo, com 21%, é o conto. Pode-se perceber como essa forma literária foi recuperada, pois no início dos anos 90 quase não havia escritores contistas. A produção acadêmica de ensaios, tanto sobre literatura, quanto os livros de ciências humanas como antropologia, psicologia e neurociência, denominada no gráfico de Conhecimentos, é a terceira maior dentre esses escritores com uma percentagem de 18%, seguido

da literatura infantojuvenil, mostrando a força brasileira nesse gênero. Os quadrinhos têm a menor representação, sendo o gênero narrativo de 5% dos livros.

Diversidade editorial:



Esse gráfico confirma como o mercado editorial brasileiro é dominado por quatro grandes editoras: Companhia das Letras, Editora Record, Editora Rocco e Editora Objetiva. Dos 71 autores analisados, 56% publicaram seus livros pela Companhia das Letras, evidenciando como essa editora domina o mercado livreiro nacional. Empatadas em segundo lugar com onze autores, Rocco e Objetiva, cada uma possui 16% do total dos autores brasileiros da Feira de Frankfurt, seguidas de perto pela Record com dez autores. Em Outras foram agrupadas tanto editoras independentes quanto as que já estão estabelecidas no campo literário brasileiro, mas que, no entanto, não causaram impacto na Feira

de Frankfurt como, por exemplo, Ática, Moderna e Melhoramentos.

A repercussão: polêmicas em torno da Feira de Frankfurt

Entre as diversas polêmicas que giraram em torno da participação do Brasil como país homenageado da Feira do Livro de Frankfurt, a principal delas é sem dúvida a que concerne o discurso de abertura de Luiz Ruffato (2013). O escritor, ganhador dos prêmios Troféu APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e Machado de Assis, pela Fundação Biblioteca Nacional, desconcertou o público ao trazer questões problemáticas sobre a história e a cultura brasileira. Na primeira parte do seu discurso, Ruffato fala sobre as desigualdades brasileiras e em como a trajetória da nação estaria ligada fundamentalmente a um passado escravagista. Nesse sentido, trazendo à cena seu próprio papel de escritor, ele se situa como ator social em um país na periferia do mundo e, desse modo, o ato de escrita estaria intrinsecamente relacionado a um ato político. Em seguida, o discurso questiona indiretamente o papel das instituições governamentais que tentam apagar as singularidades das classes sociais separadas por economia, cultura e privilégios diferentes, tentando fazer parecer que o Brasil seria uma espécie de espaço apaziguador para todos os tipos de cidadãos que ali vivem. Nesse sentido, a fala de Ruffato converge com o pensamento de Pierre Bordieu (1992, p. 547), quando o filósofo francês fala sobre o duplo papel do intelectual:

L'intellectuel est un personnage bidimensionnel qui n'existe et ne subsiste comme tel que si (et seulement si) il est investi d'une autorité spécifique, conférée par un monde intellectuel autonome (c'est-à-dire indépendant des pouvoirs religieux, politiques et économiques) dont il respecte les lois spécifiques, et si (et seulement si) il engage cette autorité spécifique dans les luttes politiques.

Luiz Ruffato, assumindo uma posição politicamente engajada, não esquece o passado colonialista, criticando a dominação dos portugueses que, através da violência, se impuseram, contrariamente ao que se pode pensar quanto à existência de uma democracia racial. O escritor também chama atenção para o fato que os negros não tiveram condições, ao longo dos anos que seguiram à abolição da escravidão, de ascender socialmente. Segundo ele, uma das maiores questões mal resolvidas da sociedade brasileira reside no fato de que a maior parte da riqueza da população se encontra no poder econômico de 10% de brancos, o que mostra a sistematização de uma pequena aristocracia moderna sempre rica e excludente, herança da história nacional. Assim sendo, a alteridade incompreendida é um reflexo da impunidade e do medo do Outro, relativo ao ineficiente sistema carcerário e à violência presente em todas as cidades brasileiras, desde as capitais, até no meio rural. Portanto, nesse

opiniões

movimento de denúncia, o escritor também critica o pensamento machista instaurado na questão da violência doméstica, caracterizando o Brasil como o sétimo país com a taxa mais alta desse tipo de crime. A seguir, Ruffato exprime indignação aos atos homofóbicos de parte da população brasileira, evidenciando que eles existem, paradoxalmente, no país onde ocorre uma das maiores paradas gay do mundo, na cidade de São Paulo.

Posteriormente, ele comenta os problemas em torno da educação no país, um privilégio da população branca e de classe alta, sendo esse mecanismo o que mantém a enorme desigualdade entre ricos e pobres. Por conseguinte, seria a ignorância, revelada no grande número de analfabetos funcionais no Brasil, que constitui um aspecto de dominação da elite, por meio da exclusão ao saber, desde aspectos elementares, como a leitura e a escrita. No entanto, um segundo movimento do discurso se diferencia do primeiro por evidenciar aspectos positivos provenientes da luta política social no país. Dentre eles, a vitória pela democracia com o fim da ditadura militar e a expressiva diminuição do número de pessoas situadas abaixo da linha de miséria, além de outras ações do governo como o auxílio bolsa-família, as cotas raciais, etc.

Entretanto, o autor logo retoma uma postura crítica para o discurso, procurando deixar claro que são justamente essas características que definem o país como uma contradição. Assim, direitos

básicos da população, como educação, saúde, moradia e lazer ainda são negados para uma boa parte. Pela demonstração da dimensão exótica e da carga de fascínio dos estrangeiros e do próprio brasileiro ao seu país, ele mostra que isso anda lado a lado com a violência, prostituição infantil e desrespeito aos direitos humanos.

Por fim, Ruffato volta à pergunta inicial da sua fala e se questiona sobre o que significa ser um sujeito nascido nessa parte específica do mundo, periférica e marginal e de que maneira a escrita, destinada a um público restrito de leitores, pode conferir um sentido à existência do brasileiro. O escritor argumenta que, dessa forma, em meio às adversidades, a literatura tem um papel transformador, uma vez que ele mesmo é a prova de que um livro pode mudar a vida das pessoas. Sendo assim, escrever é uma forma de resistência, dado que pode modificar o leitor e, por isso, transformar o mundo. Mesmo que essa ideia possa tratar-se de uma utopia, ele a adota visando uma espécie de projeto de vida para todo ser humano.

Em relação à recepção do discurso de Ruffato na mídia brasileira, internacional e até mesmo entre os escritores que participaram da Feira, as opiniões foram divergentes. O escritor Ziraldo, no fim do discurso, se levanta e diz que “Não tem que aplaudir, que se mude do Brasil então” (FREY, 2013). Após, Nélida Piñon comenta “Eu adoto a postura de não criticar o Brasil fora do país, assim como não critico meus colegas” (FREY, 2013).

Todavia, Paulo Lins, de acordo com a imprensa, posicionou-se de forma contrária: “Faço dele as minhas palavras. Ele fez o que deveria ser feito, só agiu com honestidade e coragem. Mas há gente que quer esconder uma realidade que não pode e não deve ser mais escondida” (FREY, 2013). Através dessas opiniões, pode-se perceber que os dois primeiros autores constituem uma visão do antigo escritor, que ainda procura necessariamente vender com belas palavras o seu país. Por outro lado, Paulo Lins, escritor negro e periférico denota uma postura de embate ao optar pelo desvelo da realidade nacional, pois a necessidade de mudança da mesma é urgente.

Por sua vez, Paulo Lins também foi o agente de outra polêmica referente ao evento, ao proclamar na Alemanha, antes do início da Feira, a frase “Eu sou o único autor negro dessa lista. Em que caso isso não é racismo?” (LICHTERBECK, 2013, p. 2). O pronunciamento é contundente e chama a atenção para as desigualdades raciais presentes no Brasil e também expressas na lista de escritores convidados. Autor de *Cidade de Deus* e *Desde que o samba é samba* afirmou que a escolha dos escritores não era política, mas comercial, visto que a triagem levava em conta quem já tinha sido traduzido e por isso seria mais fácil ter seus direitos comprados pelas editoras estrangeiras.

Paulo Coelho também gerou polêmica ao cancelar sua participação na Feira de Frankfurt. O seu pronunciamento foi o seguinte:

Eu não vou para Frankfurt mesmo com a alta estima que tenho por essa feira porque simplesmente não aprovo o modo que está sendo representada a literatura brasileira. Não quero posar de um Robin Hood brasileiro. Nem de zorro ou Cavaleiro solitário. Mas não me parecia certo ser parte da delegação oficial brasileira, do qual não conheço a maioria dos escritores e que exclui tantos outros. Dos 70 convidados, só conheço 20, nunca ouvi falar dos outros 50. Duvido que todos sejam escritores profissionais. São, presumivelmente, amigos dos amigos dos amigos (MEIRELES, 2013).

Este tipo de declaração parece ser especulativo, semelhante à situação posteriormente ocorrida com o autor, em relação ao Salon du Livre de Paris, em 2015, quando ele aceitou e após negou a sua participação, de acordo com a popularidade que ele observava a partir de suas falas na mídia. Dizer que só conhecia 20 ou que a maioria não eram escritores profissionais apenas demonstra seu total desconhecimento do campo literário brasileiro e a sua completa exclusão do mundo literário, não se interessando pelos agentes que compõem o mercado e a atividade literária no Brasil.

Por fim, se Ruffato foi aplaudido pela sua ousadia, contrária foi a reação ao discurso do vice-presidente Michel Temer, que seguiu o do escritor. Segundo ele, o Brasil encontrava-se

opiniões

numa “situação confortável”, o que resultou na resposta de Marçal Aquino:

Nós escritores vamos sempre preferir um poeta que faça política, a um político que faça má poesia. Quem sabe isto aqui seja um tijolo fundamental para que alguma mudança aconteça, chame atenção do mundo para outras coisas e não necessariamente aquilo que é folclórico e aquilo que já é conhecido (STEINBERGER, 2013).

Em suma, conclui-se que a Feira de Frankfurt gerou inúmeras polêmicas e elas são, na sua maioria, concernentes à imagem externa que o Brasil faz de si mesmo, estando isso ligado estreitamente ao retrato cultural que ele pretende exportar. Desde a última década, nota-se um crescimento notável da política governamental referente à internacionalização da cultura brasileira, exposta em feiras literárias, programas das embaixadas, bolsas de auxílio para estudantes estrangeiros, assim como na repercussão da figura dos curadores em eventos culturais desse porte.

Referências bibliográficas

BORDIEU, Pierre. *Les règles de l'art*. Genèse et structure du champ littéraire. Paris: Seuil, 1992.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea*: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.

FREY, Luisa. Polêmico discurso de Luiz Ruffato divide Feira do Livro. *DW*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/pol%C3%AAmico-discurso-de-luiz-ruffato-divide-feira-do-livro/a-17148356>>. Acesso em: 10 de julho de 2018.

LICHTERBECK, Philipp. Rio ist ein Sehnsuchttort für hüftsteife Europäer. *Der Tagesspiegel*, 07.10.2013. Disponível em: <<https://www.tagesspiegel.de/weltspiegel/sonntag/paulo-lins-ueber-seinen-neuen-roman-lins-ueber-samba-und-rhythmus-/8888592-2.html>>. Acesso em: 10 de julho de 2018.

MEIRELES, Maurício. Paulo Coelho cancela participação na Feira de Frankfurt. *O Globo*, 04/10/2013. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/paulo-coelho-cancela-participacao-na-feira-de-frankfurt-10250775>>. Acesso em: 10 de julho de 2018.

POMPEU, Douglas. Quatro tomadas sobre o mercado e a crítica. In: MIRANDA, Adelaide Calhman de Miranda [et al.]. *Protocolos críticos*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos*: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

_____. Possibilidades da escrita literária no Brasil. In: RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRÒ, Ettore (orgs.). *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

RUFFATO, Luiz. Discurso de abertura da Feira do Livro de Frankfurt. *Cultura*, Estadão, 08 Outubro 2013. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,leia-a-integra-do-discurso-de-luiz-ruffato-na-abertura-da-feira-do-livro-de-frankfurt,1083463>>. Acesso em 10 de julho de 2018.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCRAMIM, Susana. *Literatura do presente: história e anacronismo de textos*. Chapecó: Argos, 2007.

STEINBERGER, Albert. *Polêmica marca participação brasileira na maior feira literária do mundo*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/10/131010_frankfurt_feirarg>. Acesso em 10 de julho de 2018.

VELASCO, Suzane. Brasil anuncia escritores da Feira de Frankfurt. *O Globo*, Prosa, 14/03/2013. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/brasil-anuncia-escritores-da-feira-de-frankfurt-489717.html>>. Acesso em 10 de julho de 2018.